

Feliz 1967!

RUBEM BRAGA

O SNI está mandando traduzir todos os regulamentos do FBI, assim como nas Fôrças Armadas existem traduções dos manuais de serviço americanos. Isso naturalmente decorre da presunção de que o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil. Mas na hora de redigir Constituição e leis como a da Imprensa, outros modelos são seguidos.

Justificava outro dia um sujeito do Governo, o envio da Lei da Imprensa ao Congresso, em véspera de recesso, como simples ato de habilidade tática, partindo do bom princípio de surpreender o inimigo. Aplicam-se, assim, à vida política, ensinamentos da prática militar. E isso faz com que os autores dêsse golpe se sintam muito hábeis, muito inteligentes. O que não se leva em conta é que o «inimigo» no caso é o Congresso, é a Imprensa, é a opinião pública, é o próprio povo, cujos interesses se ameaçam quando se inibe a imprensa de defendê-los.

Vale a pena lembrar, para uso dos habilidosos mandantes de hoje, o que está saindo e o que está entrando, que o homem mais hábil, o político mais matreiro deste país, acabou no suicídio. Tantas rasteiras passou ele, que no final se viu só, e acuado.

Para «surpreender o inimigo», o ministro da Justiça declarou, às vésperas do envio do projeto de Lei de Imprensa, que o Governo não cogitava de sua elaboração. Pode ser que isso hoje se chame habilidade, ou tática. Os antigos lhe davam outro nome.

Tôda a imprensa publicou essa informação mentirosa. Não será crime induzir, com abuso da autoridade decorrente de cargo público, a imprensa do país a dar uma notícia falsa, e de má fé? Quando o sr. presidente da República anuncia, como o fez há pouco tempo, que está cuidando da redemocratização do país e logo trata de lhe impor uma Constituição fascista e uma lei de garrote — não estará ele praticando um crime?

O marechal Costa e Silva declarou em Lisboa que é contra a anistia, e que a nova Constituição deve durar. Antes declarara, em Portugal, a sua solidariedade à política lusitana na África. O marechal Costa e Silva está muito enganado se pensa que realmente poderá continuar a linha da política interna e externa do atual governo. Esta só é suportável pelo fato mesmo de que vai acabar logo. Nossa desmoralização internacional chegou a um ponto tão alarmante que um presidente eleito visita Paris, sem que o chefe do Governo francês lhe dê a menor bola. Não seria melhor deixar de ir à França, ou era assim tão urgente e indispensável assistir ao último «show» do Lido? Não será isso vontade de confirmar aquela frase atribuída a de Gaulle, segundo a qual o Brasil não é um país sério?

E que vai fazer esse Grupo-Tarefa da Marinha na capital de Angola? Diz a nota oficial do ministro da Marinha, que no fim de cada ano letivo «é realizada uma viagem ao longo do litoral». Se é assim, porque não se faz a mesma coisa este ano? Diz a nota que a viagem «servirá também para fortalecer a tradicional amizade luso-brasileira». Ora, nunca essa amizade foi tão abundantemente favorecida, jurada, discursada, brindada, tratada, acordada e protocolada. Valerá a pena levar a um território português, que luta pela sua Independência, a demonstração tangível e suntuosa, de que o governo do Brasil está ao lado dos colonizadores contra os libertadores? Já não basta nossa vergonhosa atuação na ONU, que todo o mundo civilizado vê com o mais frio desprezo? Para que insultar tôdas as jovens nações da África com essa passeata naval dispensável e de mau gosto? Onde, por quem, como, a tróca de que foi combinada essa bobagem diplomática tão criminosa, e combinada tão em segredo que o próprio comandante-chefe da Esquadra a ignorava e desmentia há uma semana?

Por que faz o Governo tanta questão, neste fim de ano, de que o povo saiba e sinta que 1967 será pelo menos tão ruim como 1966? Será isso também habilidade tática ou manobra estratégica? Quando se deixará de ver no povo um inimigo a despistar, humilhar, espoliar e derrotar?